

Evelina, ex-cozinheira de Dhlakama, quer se dedicar aos filhos

Por André Catarina, em Manica

Evelina Zacarias, 49 anos, esteve envolvida na guerrilha da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), por cerca de 18 anos, servindo como cuidadora dos filhos do líder histórico e depois como cozinheira de Afonso Dhlakama. Foi desmobilizada duas vezes, a última em Junho de 2020.



Evelina Zacarias com parte dos seus oito filhos, todos nascidos durante os intervalos dos conflitos armados

A ex-guerrilheira quer se dedicar à agricultura e aos filhos e filiou-se, no âmbito do processo de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR), numa associação camponesa em Zivale, localidade do interior de Muda Serração, distrito de Gondola, na província de Manica, Centro de Moçambique.

Evelina foi recrutada para a guerrilha aos 7 anos, em 1981, na guerra civil que durou 16 anos, e foi desmobilizada pela primeira vez em 1994, pela missão de paz das Nações Unidas em Moçambique (Onumuz). Após 18 anos na vida civil, voltou a integrar a guerrilha para “lutar pela democracia” em 2012, quando Afonso Dhlakama convocou e reagrupou os ex-guerrilheiros na serra da Gorongosa, em Sofala.

“Fui recrutada juntamente com o meu pai em Mpungu e daí, com o general Ossufo (Momadé), partimos para Gorongosa, seguimos para uma base em Maringue e depois para Massala”, num trajeto feito durante meses a pé, conta ao **SAVANA** Evelina Zacarias, num sorriso discreto, e realça que foi em Massala onde foi desmobilizada pela primeira vez.

Agora mãe de oito filhos, todos nascidos durante os intervalos dos conflitos, teve um treinamento militar inicialmente para o combate, mas depois foi destinada a cuidar dos filhos do presi-

dente Afonso Dhlakama, a quem também serviu como cozinheira mais tarde.

“Havia casas onde estavam as esposas do líder e as crianças, e nós cuidávamos deles. Lavávamos suas roupas nos rios e cozinhávamos para eles até a guerra terminar. O presidente Dhlakama vinha sempre lá onde estavam as esposas e filhos, e dava-nos garantias que um dia a guerra iria terminar, e isso sucedeu até que fomos desmobilizados pela primeira vez em 1992”, conta com uma energia invejável nos gestos.

O cheque que ardeu

A ex-guerrilheira lembra que na primeira desmobilização voltou para a aldeia natal em Buzi, com uma catana, um machado, uma enxada e um cheque do Banco, que nunca chegou a levantar, porque ardeu na palhota onde vivia durante uma queimada

descontrolada.

Traços negros no rosto - típicos de mulheres daquela região - que salientam sua beleza ofuscada por sucessivos conflitos armados, agora novamente desmobilizada no âmbito do processo de Desmobilização, Desarmamento e Reintegração (DDR) - que resulta do acordo de paz assinado em 2019 - quer dedicar a vida aos filhos e netos.

“O que me agrada neste regresso é que se tiveres um campo com bons solos podes produzir, mesmo que não seja em quantidades maiores, mas é diferente de teres que comprar sempre cereais.

Então, esse programa (DELPAZ) está a nos dar semente e a ensinar as melhores formas de cultivo e isso está a resultar na melhoria das nossas vidas”, defendeu Evelina Zacarias.

Outro ex-guerrilheiro, Augusto Paia, 72 anos, também 18 na guerrilha, trocou as armas de guerra que usou nas bases da guerrilha em Sofala, Tete e Zambézia, por uma enxada para produção de gergelim, feijões e mapira.

Ele observa que a iniciativa do DELPAZ tem ajudado a comunidade onde está reintegrado com técnicas agrícolas, sementes melhoradas e abertura de furo de água, o que permite melhor renda e qualidade de vida.

“Estamos a viver muito bem, não há nada de mal (rejeição na comunidade ou isolamento por ser ex-guerrilheiro), estamos a viver muito bem. Estou a culti-



Augusto Paia, ex-guerrilheiro que trocou as armas de guerra por uma enxada para produção de gergelim, feijões e mapira

var machamba, tenho criações de cabritos, perus, galinhas”, disse Augusto Paia, num vigor militar, que tenta adequar a vida civil.

Os dois ex-guerrilheiros fazem parte de milhares de beneficiários do Programa DELPAZ, que está a assegurar a reintegração económica e social de todos os ex-combatentes, suas famílias e comunidades rurais atingidas pelo conflito, para alcançar uma paz duradoura em Moçambique.

Financiado pela União Europeia, o programa DELPAZ, que garante um esforço coerente entre o governo, parceiros e organizações da sociedade civil, está a investir em infra-estruturas, desenvolvimento agrícola e empreendedorismo para impulsionar as economias das comunidades afectadas por conflitos em oito distritos das províncias de Ma-

nica e Tete, implementado pela Agência Italiana de Cooperação para o Desenvolvimento (AICS), em sete distritos em Sofala, pela Agência de Desenvolvimento Austríaca (ADA), com o apoio do Fundo de Desenvolvimento Capital das Nações Unidas (UNCDF).

“Pretendo dedicar todo o meu tempo agora aos meus filhos. Cuidar deles e lhes ver a crescer”, para eu me desligar de tudo que passei na guerra e realizar os meus sonhos, de ter um quintal amplo com crianças a correr sem medo de tiros, enfatiza Evelina Zacarias, realçando a ajuda para a sua reconciliação.

O DELPAZ tem dado especial atenção à criação de oportunidades para jovens, mulheres, bem como ex-combatentes e suas famílias.



Activista explica as vantagens do Programa DELPAZ